7 - DO « BOLO ENVENENADO » (VATICANO II) ÀS DECLARAÇÕES ENVENENADAS DE DOM WILLIAMSON

- INTRODUÇÃO
- 1 - DOM WILLIAMSON SILENCIA A CONFUSÃO DOS SACERDÓCIOS QUE SURGIRÁ COM A PROMULGAÇÃO DO MOTU PROPRIO
- 2 - DOM WILLIAMSON SILENCIA O PROBLEMA DO MAGISTÉRIO DO VATICANO II
- 3 - COMO DOM WILLIAMSON SILENCIA OS VERDADEIROS ARGUMENTOS QUE LHE PERMITIRIAM NÃO ESTAR FORA DE ASSUNTO SOBRE O PROBLEMA DA LEGITIMIDADE DAS AUTORIDADES DA IGREJA CONCILIAR
- 4 - OS GRAVES ERROS SOBRE A NOÇÃO DE IGREJA, AS PROPOSIÇÕES PROVOCATIVAS E AS OPINIÕES CONTRADITÓRIAS DE DOM WILLIAMSON

INTRODUÇÃO

> ***« É necessário que haja heresias entre vós, para que se descubra assim aqueles entre vós que têm uma virtude provada »*** I Coríntios, xi, 19

Todos os nossos leitores entenderam que Bento XVI continua metodicamente, como seus predecessores, a construção da IGREJA UNIVERSAL. Para isso, um dos objetivos de seu "pontificado-conciliar" é o desaparecimento da FSSPX. Nós já explicamos várias vezes que confundir a seita conciliar com a santa Igreja católica, Una, obriga a discursos incoerentes e a graves sofismas sobre diferentes pontos. Aqui está mais um exemplo.

A complacência deliberada de Jérôme Bourbon, que interroga Dom Williamson na edição de 12 de janeiro da revista *Rivarol*, permite que este último **enterre à boa conta a questão angustiante para os tradicionalistas da confusão entre o Sacerdócio católico válido e os falsos padres supostamente ordenados pelos falsos bispos conciliares** que será instaurada na Tradição, a pedido da FSSPX, pela próxima promulgação do *Motu Proprio*, apoiada por Dom Williamson nesta mesma entrevista.

Essa complacência combinada entre o jornalista e Dom Williamson permite que este último mantenha um *blackout* total sobre essa questão capital para a salvação dos fiéis e de suas famílias.

Isso é de tal modo intolerável e vergonhoso que há apenas um mês, na mensagem pública de 5 de dezembro de 2006 [7], levantamos novamente publicamente as seguintes questões a Dom Williamson:

- Como é que Dom Williamson ainda não respondeu à carta aberta solene aos quatro bispos de 10 de outubro sobre o Sacerdócio, que lhe é endereçada nominalmente?
- Como é que o ANTIGO ANGLICANO-METODISTA QUE SE TORNOU BISPO nunca menciona a questão central da preservação do Sacerdócio católico sacramentalmente válido? Especialmente na perspectiva de uma « *liberalização* » do rito tridentino da missa, que para os fiéis da Tradição vai organizar a confusão entre o Sacerdócio católico autêntico sacramentalmente válido e os falsos padres ordenados pelos falsos bispos conciliares (*Ecclesia Dei, FSSP, Christ Roi, Campos*, etc). Seus silêncios VOLUNTÁRIOS não valem uma resposta?

Enquanto o risco para muitos leitores dessa entrevista consiste em considerar as declarações do bispo como a manifestação de uma posição e de uma doutrina firmes, declarações que não deixarão de ser opostas à linguagem dupla de Dom Fellay, vamos demonstrar, ao contrário, que apesar dessas aparências, **o pensamento e a doutrina de Dom Williamson não são senão as**

consequências dos eternos erros doutrinais sobre o magistério e a infalibilidade da Igreja e seus inevitáveis sofismas pelos quais as autoridades da FSSPX distorceram, por várias décadas, demasiadas inteligências.

---

[7] cf. http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-05-A-00-Mgr_Williamson_rejette_le_Motu_Proprio_1.pdf

1 - DOM WILLIAMSON SILENCIA A CONFUSÃO DOS SACERDÓCIOS QUE SURGIRÁ COM A PROMULGAÇÃO DO MOTU PROPRIO

Em sua entrevista, o bispo faz, portanto, total omissão da questão da invalidade das consagrações episcopais de Montini - Paulo VI. E nisso, ele se alinha ao mesmo *blackout* operado por Dom Fellay durante seu discurso na Mutualité no domingo, 7 de janeiro de 2007.

Como já destacamos essa omissão feita pelo superior da FSSPX em uma mensagem anterior, vamos retomar alguns elementos de nossa análise:

> **« Ele afirma que o Sacerdócio estaria atingido em seu espírito (sua "forma"), e que bastaria reencontrar a Fé, restabelecer a Tradição para que a Igreja recomeçasse.**
>
> *Dom Fellay não percebeu que a situação é muito mais dramática, pois devido à supressão radical do rito de consagração episcopal,* ***as consagrações episcopais conciliares são sacramentalmente inválidas desde 18 de junho de 1968****.*
>
> *O rito episcopal conciliar* ***não expressa mais de forma unívoca a graça do Espírito Santo nem o poder da Ordem episcopal (potestas ordinis)****, como o Papa Pio XII* ***definiu solenemente e infalivelmente em novembro de 1947 em sua Constituição Apostólica Sacramentum Ordinis, que sua validade sacramental era absolutamente exigida****.*
>
> *Logo, os impetrantes não podem mais receber ontologicamente um episcopado católico que não é mais significativo de nenhuma maneira pelas palavras da forma essencial determinada por Montini-Paulo VI desde 18 de junho de 1968.*

> ***Assim, os padres ordenados por esses falsos bispos católicos não são de forma alguma padres! Eles estão, em particular, agora despidos de todos os poderes sacramentais e sacrificial.***
>
> ***Os sacramentos administrados por esses falsos padres não são mais sacramentos, exceto o batismo.***
>
> *Durante as chamadas "missas" desses padres conciliares, os fiéis, enganados, recebem apenas pão. Apenas pão e não o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo. As absolvições pronunciadas por esses falsos padres conciliares são inválidas.*

Portanto, essa mesma omissão que encontramos aqui em Dom Williamson, enquanto a entrevista concedida ao bispo **lhe permitiria abordar esse assunto a partir de quatro perguntas sucessivas**.

Nas três primeiras perguntas, Dom Williamson só falará sobre os riscos que seriam enfrentados pela falta de clareza doutrinal nessa situação criada por este *Motu Proprio* « *liberalizando* » a missa de São Pio V, e só mencionará o caso das « *missas híbridas* », ou seja, do possível misto dos dois ritos, um promulgado por Montini-Paulo VI e o outro, o rito de São Pio V, a missa de sempre que ninguém pode proibir e que, o que é um paradoxo, deverá em breve ser "liberada" pelo usurpador Ratzinger!

Aqui estão essas perguntas agrupadas na entrevista sob o título **:**

« A LIBERALIZAÇÃO DA MISSA TRIDENTINA : UMA FONTE DE CONFUSÃO? »

R.: Bento XVI deve, diz-se, em breve liberalizar a missa tradicional. Esta medida é capaz de resolver a crise da Igreja?

Dom R. W.: Posso estar errado, mas acho que a liberalização, mesmo que parcial, da missa tradicional seria um passo adiante para a Igreja universal. A forte graça dessa missa, que agora está sufocada pelo rito de Paulo VI, começaria a fluir mais uma vez em todo o mundo. Mas seria necessário muito mais do que restaurar o bom rito da missa para resolver a crise da fé.

R.: Este motu proprio sobre a missa não vai, ao contrário, criar mais confusão do que clareza doutrinal?

Dom R. W.: Exatamente, permitir o bom rito da missa não é formar os fiéis para que participem adequadamente. Tudo deve ser reconstruído, e em um primeiro momento, realmente haveria muita confusão, como por exemplo, missas híbridas. Mas a reconstrução deve começar em algum lugar, e é preciso confiar na força intrínseca do bom rito.

R.: Os fiéis tradicionalistas não correm o risco de se dissolverem nas paróquias conciliares em detrimento da fé integral?

Dom R. W.: Se, após esta liberalização do bom rito, fiéis da Tradição frequentassem regularmente as paróquias conciliares, é porque não teriam compreendido muito sobre a luta pela fé integral. É responsabilidade dos líderes da Tradição formar bem suas ovelhas de modo que essa eventual liberalização faça mais bem aos conciliaristas do que mal aos tradicionalistas. Por isso, eles devem entender que o problema de fundo é a fé total, e não apenas o rito da missa.

> Vamos destacar o sofisma implícito das perguntas do jornalista. ***Jérôme Bourbon pratica uma inversão astuta que escamoteia a questão sacramental.*** Ao sugerir que o *Motu Proprio* poderia criar mais confusão do que clareza doutrinal, Jérôme Bourbon aplica a técnica da inversão. O *Motu Proprio*, ao misturar verdadeiros e falsos padres, vai criar uma confusão sacramental. Por outro lado, o desenvolvimento de um rito tradicional, doutrinalmente impecável, não é de forma alguma « fonte de confusão ». Mas, por meio da inversão sutil que pratica em sua pergunta, o jornalista desloca a confusão do terreno sacramental (que ele não aborda de maneira alguma) para o terreno doutrinal (que não está de modo algum em questão pelo novo rito). Enquanto na quarta pergunta o tema se tornava ainda mais preciso, uma vez que se tratava de discutir a legitimidade, ou pelo menos, **o valor do *novus ordo missae* de Paulo VI**, Dom Williamson menciona, à maneira de um padre Aulagnier, **apenas a luta pela missa** e a razão da oposição à missa de sempre.

R.: Pedir a liberalização da missa tradicional sem voltar ao novus ordo missae de Paulo VI não é aceitar o princípio da coexistência e da igual dignidade entre o que Dom Lefebvre chamava de « missa de sempre » e a « missa de Lutero »?

Dom R. W.: « Ab inimico disce », aprenda com seu inimigo, diziam os latinos. Por que tantos bispos conciliares se agitam diante da simples possibilidade da liberalização do bom rito da missa? Não é porque eles sabem que, se colocarmos a Arca da Aliança em seus templos, seus ritos de Dagon estão em perigo? Veja o Primeiro Livro dos Reis, capítulo V! Seríamos nós, com o rito de Pio V, mais medrosos do que os conciliares com seu rito de Paulo VI?

Portanto, **o bispo silenciou-se voluntariamente**, com a astuciosa cumplicidade do jornalista, sobre um assunto crucial e muito mais importante do que o da missa, e sem que seu silêncio fosse abordado pelo jornalista, **sendo que sabemos que ele recebeu a carta aberta de 10 de outubro mencionada anteriormente,** endereçada nominalmente a cada um dos quatro bispos da FSSPX, **e que ele possui os documentos do CIRS sobre a questão.**

Uma ignorância deliberada do problema das ordenações inválidas da Fraternidade São Pedro

Ele também sabia que **seu dever como bispo mais elementar o impedia de ignorar a situação trágica na qual se encontram os fiéis, que já não distinguem** mais dentro da Fraternidade São Pedro, para não falar apenas dessa Fraternidade criada após as Consagrações de Dom Lefebvre em junho de 1988, que se beneficia de um indulto para a celebração da liturgia tradicional, **quais são os verdadeiros padres e os falsos padres, os verdadeiros sacramentos e os "sacramentos" inválidos.**

Assim, não resta, em detrimento dessa questão crucial, **um argumento comum** aos dois bispos, e isso a apenas alguns dias de distância:

> « *reencontrar a fé, restabelecer a Tradição para que a Igreja recomece* »,

segundo as palavras de Dom Fellay na Mutualidade em 7 de janeiro de 2006, e, embora afirmado de forma diferente,

> « *o problema de fundo é a fé total, e não apenas o rito da missa* »,

segundo as palavras de Dom Williamson nesta entrevista ao jornal *Rivarol*.

Dom Williamson e Dom Fellay falam da Fé, mas desassociada da teologia sacramental

Como se, neste recobrimento da fé e neste restabelecimento da Tradição, nesta « *fé total* », não devesse figurar o dever de estudar a teologia sacramental **para que seja transmitido em primeiro lugar aos clérigos um episcopado válido (transmissão do verdadeiro Sacerdócio sacramentalmente válido, que constitui em primeiro lugar a verdadeira luta de Dom Lefebvre e o primeiro dever da FSSPX que ele fundou)** e, então, aos padres assim validamente ordenados, a liturgia tradicional da Igreja!

As respostas de Dom Williamson, assim como as de Dom Fellay, são **típicas da inversão** que está sendo atualmente praticada, e é exatamente por isso que continuamos a martelar essas duas questões:

- *De que serviria, de fato, que o verdadeiro rito da missa fosse celebrado por falsos padres?*

- *Será que se deseja « conciliar » os verdadeiros padres que ainda celebram **a verdadeira** missa com um clero tão inválido quanto o falso clero anglicano?*

Adicionemos a isso o que aqui novamente mencionamos em nossa análise anterior:

> *« Portanto, afirmar que o sacerdócio está atingido **em seu espírito** e que bastaria reencontrar a fé, restabelecer a Tradição para que a Igreja recomeçasse, pensamento que Dom Fellay explica regularmente em suas conferências, **sem mencionar o grave problema da invalidade sacramental fática das consagrações conciliares desde 1968,** não seria mais do que um remendo sobre uma perna de pau, pois os canais da graça, necessários à santificação das almas e à edificação do Corpo Místico, não*

> *estariam restabelecidos. Sem contar que a verdadeira questão nesses remédios propostos por Dom Fellay, a legitimidade dessas reformas litúrgicas e de seus promulgares, sendo a liturgia parte dos objetos da infalibilidade da Igreja, continua sempre ausente ou sem resposta doutrinariamente católica.*

Não apenas todas essas questões permanecem sem resposta, mas graças às últimas declarações de Dom Williamson, vamos perceber o nível de gravidade da falta de conhecimento da doutrina sobre o magistério em que se encontram certos clérigos da FSSPX e de sua corrente.

2 - DOM WILLIAMSON SILENCIA O PROBLEMA DO MAGISTÉRIO DO VATICANO II

Se considerarmos, de fato, sob o ângulo da doutrina sobre o magistério da Igreja as respostas às perguntas dirigidas ao bispo, estas nos proporcionam a oportunidade de destacar mais uma vez os **graves erros doutrinais sobre a infalibilidade e até mesmo sobre a fé e o sentido da Igreja.**

Quanto às **incoerências** que continuam a caracterizar o pensamento do antigo anglicano, que se posiciona cada vez mais, por sua falsa firmeza, como o bispo que conduzirá o restante dos clérigos e dos fiéis da FSSPX que rejeitarão as compromissos com os « romanos », para retomar o termo ao qual o bispo recorre tão frequentemente, estas são tanto as consequências desses erros, mas também, como já sinalizamos pelo testemunho acima, a manifestação exterior de sua maneira de conceber a religião.

O Magistério, regra próxima da Fé, desrespeitado

Já expusemos suficientemente em nosso estudo *40 anos de erro sobre a infalibilidade da Igreja[8]* e em *Constatação doutrinal sobre a tradição e a FSSPX*, as causas da situação doutrinal atual, assim como suas consequências. Portanto, é possível remeter-nos a essas análises para examinar as declarações de Dom Williamson.

De uma forma geral, notamos que a origem dessa posição incoerente vem dos graves erros doutrinais sobre o magistério da Igreja em geral e sobre o magistério ordinário e universal em particular, sem falar, naturalmente, da falta de conhecimento sobre a natureza e os métodos do adversário de Cristo e de sua Igreja.

Ao contornar o problema apresentado pelo caso do Vaticano II, seja forjando uma falsa definição do magistério ordinário e universal (usando as palavras *magistério* e *universal* com um significado diferente daquele utilizado pelos teólogos do Vaticano I), seja minimizando os erros contidos nos decretos e constituições ratificadas por Montini-Paulo VI[9], constatamos com mais espanto quão desdenhoso é, até em seu próprio fundamento, o magistério, regra próxima da fé, que Nosso Senhor nos deu, quando disse aos Apóstolos:

> « *Quem vos escuta, a mim escuta* ».

Não é possível aqui revisar tudo o que pode ser destacado nesse campo, mas parece-nos necessário compartilhar uma confissão que chegou a propósito para confirmar nossa análise sobre esses erros doutrinais relativos ao magistério, dos quais Dom Williamson, evidentemente, não escapa.

Uma confissão do padre Laguérie: o MOU é infalível, mas o Vaticano II não seria o MOU

Trata-se de uma afirmação do padre Philippe Laguérie que declara no *Forum catholique* em 17 de outubro de 2006:

> *« Em 1979, data da minha ordenação, estourou na Fraternidade a querela sedevacantista. Nenhum confrade, digo bem, nenhum, da Fraternidade tinha os meios para responder teologicamente a essa querela. Os professores de dogmática em Écone ensinavam que o Magistério Ordinário e Universal não era infalível, ou que dependia do consentimento da Igreja, enquanto o Concílio Vaticano I diz exatamente o contrário. Não tendo na época os meios intelectuais para refutar os sedevacantistas, passei dois anos estudando a questão. No final, concluí que o MOU é infalível, mas que o Vaticano II não é do MOU, apesar do que disse o padre Lucien (o teólogo mais brilhante da época). Desde então, não tenho mais remorso – e o que eu detesto nos sedevacantistas é que eles não ousam nem se confessar como tais. Como disse o Papa na audiência pública da última quarta-feira, "A afirmação de nossa identidade cristã (...) pressupõe a clareza, a força e a audácia da provocação que são próprias da fé."*

Essa intervenção do padre Laguérie no *Forum catholique* é interessante porque era preferível que os erros doutrinais da grande maioria dos clérigos de Écone que destacamos fossem confirmados pelo testemunho direto de um clérigo que seguiu sua formação sacerdotal dentro da própria FSSPX. Quanto à sua crítica aos clérigos, pejorativamente chamados de sedevacantistas, isso nos dá a oportunidade de constatar mais uma vez que, nessa falta de meios intelectuais (como o padre Laguérie admite), os superiores da FSSPX não tiveram outra solução a propor senão o afastamento dos clérigos que queria compensar essa falta de meios intelectuais e que levantaram as verdadeiras questões sobre o magistério do Vaticano II e sobre as autoridades conciliares e pós-conciliares[10].

Que algumas soluções propostas e adotadas entre esses clérigos sejam imperfeitas ou incompletas é humanamente explicável, uma vez que o que vivemos atualmente continua sendo um mistério, esse mistério da iniquidade, que, como todo mistério, como o da Paixão de Nosso Senhor e a Paixão de Seu Corpo Místico, contém por definição, elementos misteriosos dos quais, no entanto, a Santíssima Virgem Maria em La Salette quis levantar um pouco o véu:

> « Roma perderá a fé e será o trono do anticristo », *« a Igreja será eclipsada »*

e em Fátima, quando ela nos acrescenta as condições necessárias e suficientes para manter a fé e a esperança:

> *« No final, Meu Coração Imaculado triunfará ».*

O padre Laguérie trai o Vaticano I

No que diz respeito às declarações do padre Laguérie, e apesar dos dois anos que ele dedicou a estudar a questão do Magistério ordinário e universal, ele não faz outra coisa senão cair no mesmo erro destacado anteriormente, ou seja: usar um **outro significado** do que aquele empregado pelos teólogos do Vaticano I quando falaram desse modo de ensino infalível na Constituição *Dei Filius*.

De fato, no posfácio do livro de seu confrade, o padre Héry, *Non lieu sur un schisme*, posfácio que estudaremos com mais detalhes, o padre Laguérie não encontrou nada melhor do que dar ao termo *universal* o sentido de « unanimidade », e, graças a um silogismo errôneo, concluir que o Vaticano II (por causa da falta de unanimidade numérica nas votações dos decretos e constituições) « não era do Magistério ordinário e universal »!

Isso lhe permite, se compreendemos bem o sentido de sua intervenção no *Forum catholique*, não ter mais « remorsos » sobre a questão do Vaticano II e acabar finalmente na posição comum a todos os ralliados e ralliadores que conhecemos.

Uma concepção errônea do Magistério martelada nos congressos de Si si No no

Portanto, tanto se trata dos professores de dogmática em Écone nos anos do seminário do padre Laguérie, professores do seminário que incluíam, aliás, o padre Williamson, quanto de um grande número de seminaristas e padres da FSSPX e sua corrente (este ensino errôneo sobre o magistério ordinário estando longe de ser retificado ou mesmo silenciado para não gerar novas polêmicas), vimos como isso gerou numerosos ensaios teológicos, particularmente durante os congressos de *Si si No no* ou ainda nas publicações do *Sel de la terre* dos dominicanos de Avrillé.

Esses « ensaios », incluindo o do padre Calderon, professor no seminário de La Reja e que também vemos « patrocinado » por Dom Williamson para tentar contrabalançar os estudos do CIRS sobre a invalidade do ritual das consagrações de Montini-Paulo VI de 1968, esses ensaios, portanto, que, comparados à sã doutrina, são todos igualmente errôneos, têm **sempre um mesmo objetivo: evitar as verdadeiras questões sobre a legitimidade das autoridades conciliares e pós-conciliares**, e não nos esqueçamos, ferir os sedevacantistas ao longo do caminho, como o fez novamente o padre Laguérie em sua breve intervenção no *Forum catholique*.

É fácil, portanto, entender por que, uns se antecipando aos outros, todos já estão adquiridos à causa e se posicionam para interpretar o concílio « à luz da Tradição ». Enquanto isso, do lado dos anticristos em Roma, e Ratzinger em primeiro lugar, fazem questão de não falar sobre a autoridade e a infalibilidade do magistério ordinário, bem como da integridade doutrinal dos homens que ratificaram, aplicaram o concílio e promulgaram as reformas litúrgicas. Astuto, o padre Ratzinger, conhecendo as lacunas da maioria tradicional nesse âmbito, propõe a *hermenêutica* do Vaticano II, a fim de se posicionar para o diálogo com os pseudos teólogos atuais e, em princípio, com os futuros interlocutores da FSSPX.

Um espírito de ralliamento que tem origem na falsa concepção do Magistério

Essas precisões dadas, compreenderemos que a principal causa dos ralliamentos sucessivos à Igreja não é tanto « a fadiga da luta », « a sedução de Roma », « a fraqueza humana », como afirma Dom Williamson em uma de suas respostas, mas sim **a consequência direta dos erros sobre o magistério e a infalibilidade da Igreja, assim como, repetimos, a falta de conhecimento da natureza do inimigo e de suas estratégias.**

Assim, quando o bispo, ainda nessa mesma resposta, propõe como estratégia a ser observada em relação a Roma para manter o equilíbrio: « me agarrando à verdade, cuja busca está longe de ser sempre fácil », lembramos a ele que antes de tudo deveria tomar consciência de que a FSSPX não detém em seu ensino « a plenitude da verdade católica [11] », como ele afirma em seu sermão de ordenação em 27 de junho de 2003 em Écone.

Ao contrário, com um ensino errôneo no domínio do magistério e recusando a aplicar o princípio da não-contradição a respeito das obras da Igreja conciliar, mesmo que uma criança entenda que uma Igreja que ensina o erro não pode ser a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, a sedução da qual fala Dom Williamson pode, de fato, prevalecer se a maioria tradicional, principalmente em suas autoridades, não tiver consciência da **necessidade de retificar seus erros** e, em vez de silenciá-los, assumir **os verdadeiros argumentos canônicos** que os venerados pontífices, no entanto, nos legaram.

Abordemos agora as outras declarações de Dom Williamson. Estas nos darão a oportunidade de examinar os verdadeiros argumentos que permitem ter uma visão inteiramente católica sobre a situação atual.

A entrevista com título VATICANO II ENSINA A HERESIA? aqui está o que o bispo responde sobre este assunto:

R.: Você considera que o Vaticano II ensina o erro ou a heresia e diria que essa assembleia de bispos foi um verdadeiro concílio ecumênico ou um conciliábulo? E você expressa a posição oficial da FSSPX?

Dom R. W.: Dom Lefebvre dizia que o Vaticano II foi um verdadeiro Concílio ecumênico em sua convocação, mas não em seu desenvolvimento. Em outras palavras, os cerca de 2000 bispos foram

validamente reunidos, mas os 16 documentos que produziram são quase todos ruins, e muito ruins. Se esses documentos não são claramente heréticos, eles se afastam da heresia e acabam na heresia, outra expressão de Dom Lefebvre que corresponde seguramente à posição oficial da FSSPX.

R.: O Instituto do Bom Pastor considera que não se pode ignorar a existência do Vaticano II e que, portanto, é necessário reinterpreta-lo. O que você pensa sobre isso?

Dom R. W.: "Não se pode ignorar o Vaticano II"? – Eu faço uma distinção. O Vaticano II é um fato gigantesco na história recente da Igreja, concordo. Mas seus documentos são muito sutil e profundamente envenenados para que precisemos reinterpreta-los. Um bolo parcialmente envenenado vai todo para o lixo!

Na primeira resposta que, portanto, se supõe expressar a posição oficial da FSSPX, mas também na segunda, vemos como Dom Williamson totalmente evacuou o problema do magistério ordinário da Igreja ao Vaticano II. **Não há sequer uma alusão a isso.** Enquanto essa questão já havia feito Dom Lefebvre tropeçar e que gerou, como não precisamos mais demonstrar, os erros sobre o magistério ordinário e universal na maioria tradicional, não pode ser escamoteada ou silenciada sem provocar uma grave violação da infalibilidade da Igreja, pois se trata de uma rejeição de um dos dois modos de ensino infalíveis da Igreja.

A infalibilidade reduzida por Dom Williamson a um único modo do Magistério: o modo extraordinário

Assim, para Dom Williamson, e isso praticamente trinta anos após o problema levantado em Écone, a questão do magistério, regra da fé, nem mesmo é levantada; é evitada como se a Igreja possuísse apenas um único modo de ensino infalível, o modo extraordinário, ou seja, as definições dogmáticas ou *ex cathedra*, o que confirma que os erros sobre a infalibilidade da Igreja constituem a heresia desse século XX que passou e do começo do XXI entre a maioria tradicional.

As consequências diretas, e bem as temos diante de nós: são esses compromissos de uns e outros, ralliados e ralliadores, esse processo dos « pré-requisitos », que conduzem irremediavelmente a essa « **abertura de discussões doutrinais**, ou seja, à reinterpretação do Vaticano II com o astuto padre de Tübingen usurpando o trono de São Pedro, sempre fazendo com que, nesse trabalho de estudo e recepção do concílio, os artífices **acreditem estar marchando "sob a bandeira das chaves apostólicas"**!

A impasse de Dom Williamson sobre o Magistério ordinário e universal, modo de infalibilidade

Depois de ignorar a grave questão da invalidade do ritual das consagrações episcopais de 1968, Dom Williamson também ignora o magistério ordinário e universal, um dos dois modos de ensino infalíveis da Igreja!

Nessas condições, seria necessário que Dom Williamson nos desse as razões que lhe permitem afirmar que « os 16 documentos do Vaticano II são quase todos ruins, se afastam da heresia e acabam na heresia », e especialmente que nos dissesse por que o Vaticano II é « um bolo envenenado que deve ser jogado no lixo ». Deus sabe quantas hipóteses foram já inventadas pelos pseudos teólogos da maioria tradicional, até criando um « magistério dialogado » para o Vaticano II, sem nenhum grau de autoridade, sempre com o intuito de evitar o problema da legitimidade das autoridades conciliares e pós-conciliares. A única explicação válida, porque totalmente católica, existe. Claro, teremos a oportunidade de voltar a isso. Por enquanto, Dom Williamson não oferece nenhuma explicação. Suas declarações manifestam apenas uma **falsa firmeza diante do Vaticano II.**

---

[8] **http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-02-05-A00-Refutation_erreurs_sur_infaillibilite.pdf**

[9] Mas mesmo nesse caso não pode haver um único erro, senão seria tornar Deus responsável pelo erro dos homens. Recordemos a este respeito o que Leão XIII dizia em sua Encíclica *Satis cognitum*: « ***Todas as vezes portanto que a palavra deste magistério declara que tal ou tal verdade faz parte do conjunto da doutrina revelada, cada um deve crer com certeza que isso é verdade; pois se isso pudesse de alguma maneira ser falso, resultaria, o que é evidentemente absurdo, que Deus mesmo seria o autor do erro dos homens (…) ».***

Recordemos ainda que a Igreja Católica, como nosso Senhor, já que Cristo e a Igreja são uma só, não pode errar, nem nos enganar e que, portanto, nos Atos do Magistério da Igreja Católica TODO o ensinamento é "*NIHIL OBSTAT*". Isso os clérigos e os fiéis esquecem cada vez mais com Bento XVI!

[10] É de se lamentar que, se em 1979 o ensinamento de Écone sobre esses diversos pontos era confuso, em 2006, ainda repetir os mesmos erros, após estes terem sido várias vezes claramente refutados, constitui uma pertinácia que ainda hoje confina ao "pecado contra o Espírito Santo" com sua sanção dramática.

[11] *« (…) nós, que pela graça de Deus detemos a verdade, a plenitude da verdade católica (…). Trecho **censurado** e, portanto, que o leitor não poderá encontrar na versão escrita deste sermão publicado nas Edições Fideliter.*

3 - COMO DOM WILLIAMSON SILENCIA OS VERDADEIROS ARGUMENTOS QUE LHE PERMITIRIAM NÃO ESTAR FORA DE ASSUNTO SOBRE O PROBLEMA DA LEGITIMIDADE DAS AUTORIDADES DA IGREJA CONCILIAR

Quanto mais avançamos na análise das respostas de Dom Williamson, mais percebemos que o bispo não leva absolutamente em conta os meios que ele não pode ignorar para garantir respostas doutrinariamente corretas sobre o problema da legitimidade das autoridades conciliares.

De fato, à pergunta de Jérôme Bourbon, que, por sua vez, não fará mais do que *trazer água para o moinho* do bispo para uma nova crítica ao sedevacantismo, não podemos deixar de lamentar o lamentável desenvolvimento que Dom Williamson estabelece sobre essa falsa questão dos « papas hereges »:

R.: Visto que você denuncia a nova missa, os novos ritos sacramentais, o novo código de direito canônico, o novo catecismo, as novas beatificações (João XXIII) e

canonizações (Dom Escriva de Balaguer, fundador do Opus Dei), isso não levanta a questão da autoridade dos pontífices conciliares que promulgaram todas essas reformas que você considera desastrosas?

Dom R. W.: Os múltiplos maus frutos dos pontífices conciliares, João XXIII, Paulo VI, João Paulo II e agora Bento XVI, provam que eles são maus pontífices, mas não necessariamente que eles não foram pontífices de modo algum.

Abordemos o argumento principal dos « sedevacantistas ». Ninguém, que eu saiba, afirma que um herege puramente material perde automaticamente seu ofício, pois ele não se opõe conscientemente à doutrina nem à autoridade da Igreja católica. Portanto, os « sedevacantistas » devem afirmar que esses papas são hereges formais, o que requer a pertinácia na heresia. Mas a pertinácia é uma questão interna ao homem, da qual só Deus pode julgar sem se enganar. Portanto, para julgar se um herege era formal, a Igreja antigamente o obrigava a renunciar externamente à sua heresia ou a persistir externamente nela. Porém, tal processo não poderia vir senão de uma autoridade superior. Agora, nesta crise sem precedentes na história da Igreja, são as autoridades supremas da Igreja, particularmente o Vigário de Cristo, que estão invadidas pela heresia modernista. Portanto, é impossível, pelo menos por enquanto, provar que esses papas são hereges formais de tal modo que perdessem ou teriam perdido necessariamente seu ofício.

Mais do que nunca é possível fazer o mal pensando que se faz o bem. Esses papas conciliares estão profundamente enganados pelo mundo moderno, especialmente devido à sua perda kantiana da verdade objetiva (veja Pascendi, cujo centenário celebramos este ano). Penso que eles são "sinceros" como todo liberal convicto e sou ainda menos inclinado a pensar que são hereges formais. Não vejo outro argumento sério para concluir que a Sé de Roma está vazia.

Em *40 anos de erro sobre a infalibilidade da Igreja* nós respondemos suficientemente a esse falso problema . Que nos baste, portanto, retomar aqui o que é de natureza a cortar a polêmica que Dom Williamson continua a alimentar, enquanto sua argumentação, repetimos, está fora de assunto.

A lupa sobre a heresia material ou formal é desviada da elegibilidade do eleito

De fato, não se trata de provar a heresia material e mesmo simplesmente formal de um Soberano Pontífice, (sabemos que isso nunca ocorreu na história da Igreja e que essa eventualidade não passa de "um caso de escola") **mas de olhar, acima de uma eleição ao Soberano Pontificado, se o sujeito eleito é canonicamente (validamente) elegível**.

Não hesitemos em citar os principais trechos deste estudo que sempre pode ser relido em sua integralidade[12] **porque estes nos servem para dar, como anunciamos, a verdadeira razão que nos permite rejeitar o Vaticano II e as diferentes reformas, tanto litúrgicas quanto canônicas que dele resultaram.**

> *«Todos os nossos leitores sabem, Paulo IV estipula em uma constituição datada de 15 de fevereiro de 1559, que um clérigo ou mesmo um simples batizado que tenha desviado na fé não poderia de forma alguma se tornar Pontífice, ainda que todos os cardeais concordassem, ainda que os católicos do mundo inteiro lhe prestassem alegre obediência durante décadas. Todos os atos e decisões de um tal falso-pontífice seriam juridicamente nulos e não avenidos, e isso ipso facto, sem que seja necessária uma declaração por parte da Igreja (...)».*
>
> *«É portanto todo esse ensinamento que encontramos nesta constituição cum ex apostolatus, documento ex cathedra, envolvendo a infalibilidade do magistério de Paulo IV, para evitar que um personagem suspeito de heresia possa ser eleito papa. Ele, de fato, confiou a um de seus íntimos:*
>
> *«Para lhe dizer a verdade, nós quisemos nos opor aos perigos que ameaçavam o último conclave e tomar em vida precauções para que o diabo não coloque no futuro um de seus no trono de São Pedro» (Louis Pastor: História dos papas desde o fim da Idade Média, Paris 1932, volume 14, p. 234).*
>
> *«E é por isso que a constituição estipula de maneira muito clara as consequências de uma tal eleição:*
>
> «Nós acrescentamos que se algum dia acontecer que um bispo, mesmo desempenhando a função de Arcebispo, de patriarca ou de primaz; que um cardeal da Igreja romana, mesmo legatário, que um Sumo Pontífice mesmo, antes de sua promoção ou elevação ao cardinalato ou ao Sumo Pontificado, tenha se desviado da fé ou caído em alguma heresia, a promoção ou a elevação, mesmo que esta última ocorra em entendimento e com o consentimento unânime de todos os cardeais, é nula, sem efeito, sem valor (...)».

Este argumento é o único, nós dissemos, que permite considerar o Vaticano II como um conciliábulo, pois a infalibilidade da Igreja, «dádiva sobrenatural que Nosso Senhor Jesus Cristo fez à Igreja de não errar em matéria de doutrina e de crença» (Dom de Ségur), não pode ser concedida a uma assembleia de bispos, por maior que seja, e mesmo que todos os bispos se reclamem de sua união a um «Pontífice» se esse mesmo «pontífice» não for canonicamente eleito.

O silêncio de Dom Williamson sobre a bula de Paulo IV

Ao passar sob silêncio esta Bula de Paulo IV[13]**, vemos quão falaciosa é a argumentação de Dom Williamson, pois a aplicação do que estipula esta Bula Pontifícia às autoridades conciliares é o único argumento que pode permitir dizer a respeito do Vaticano II que «um bolo em parte envenenado vai todo ele para o lixo!» para retomar a expressão do bispo. Expressão que, portanto, não impressionará mais do que o leitor crédulo, aquele que, como na moral de uma das famosas fábulas de La Fontaine, permite que o bispo «viva à custa daquele que o escuta».**

Não tendo recurso a esse argumento, o bispo, como bem outros clérigos e fiéis, infelizmente, não pode deixar de permanecer nas incoerências doutrinais.

Assim é na sua demonstração sobre **Ratzinger:**

Provando que o teólogo de Tübingen é herege porque modernista, o que é mais do que suficiente para provar, segundo a Bula de Paulo IV, que o padre Ratzinger é um usurpador no trono de São Pedro, Dom Williamson não trará, mais uma vez, nenhuma conclusão prática à sua argumentação. Ao contrário da conclusão que se impõe, justifica o teólogo de Tübingen, agora Bento XVI, invocando o pretexto de seu pensamento hegeliano, e de uma maneira geral para « *«esses papas conciliares»* que *«são profundamente enganados pelo mundo moderno, em razão, notadamente, de sua perda kantiana da verdade objetiva»*!**

Diante de tal atitude, só podemos reafirmar ao bispo, que, aliás, não pode ignorar, o que condena expressamente o magistério da Igreja.

Citemos então o padre Mouraux (cujas obras teremos o cuidado de ler na íntegra de seu comentário sobre a Bula de Paulo IV que colocamos no anexo I) que, em 1992, convidava seus leitores a examinar à luz desses textos pontifícios, os atos anteriores dos clérigos eleitos na sequência do Papa Pio XII:

> **« *Alguns pensaram escapar a essas leis dizendo que elas não teriam nenhuma validade de aplicação sobre um Pontífice que teria a consciência falseada, e que acreditaria estar cumprindo seu dever ao ensinar a heresia ou ao se associar com os hereges e os pagãos até mesmo em seus ritos ímpios. Uma tal opinião é totalmente falsa e condenada "de fide" pelo Vaticano I (Dz. 1794): "Se alguém diz... que os católicos podem ter uma causa justa para suspender sua adesão à fé que receberam do Magistério da Igreja ou para revogá-la em dúvida, que seja anátema* "(os caracteres em negrito e sublinhados são de nossa autoria).**

Essa lembrança corresponde tanto à atualidade, não apenas sobre o padre Ratzinger durante sua passagem pela Mesquita Azul em Istambul, mas também em relação à posição de Dom Williamson e de todos aqueles que ele representa aqui, uma vez que este sustenta a mesma argumentação anatemizada pelo Concílio Vaticano I, que deixamos ao leitor para que faça as próprias aplicações.

Aproveitemos ainda a ocasião para ressaltar um outro ponto que o leitor atento não deixará de notar, pois neste anátema do Concílio Vaticano I se encontra sintetizado o que nos diz São Tomás de Aquino ao afirmar que *Ninguém deve ignorar o magistério.*

Já falamos deste valioso ensinamento do Doutor Angélico em "*40 anos de erro sobre a infalibilidade da Igreja*", mas o citaremos mais uma vez aqui, já que o impasse criado por Dom Williamson nos obriga a isso:

> *Segundo São Tomás (Suma Teológica, I, q. 32, a*. 4), todos os católicos são considerados como conhecedores do magistério da Igreja e das verdades reveladas na *Sagrada Escritura. O código de Direito Canônico estipula que todos os fiéis devem não apenas crer em tudo que a Igreja ensina (portanto, todos são considerados conhecedores do magistério), mas também que são obrigados a evitar as heresias ou opiniões próximas à heresia e, como consequência, todos são considerados conhecedores das advertências contra o protestantismo, o liberalismo, o modernismo, etc.*
>
> *É exatamente por isso que São Pio X obrigou cada clérigo a pronunciar o juramento antimodernista[14], a fim de garantir que ninguém permanecesse ignorante das condenações pronunciadas contra os erros maçônicos modernistas.*
>
> *É, portanto, impossível contornar o que se aplica a esses personagens. Acabamos de falar de Montini, sobre o qual é preciso acrescentar o problema de suas origens, o dos marranos introduzidos na vinha do Senhor, mas também é necessário citar Roncalli[15] modernista iniciado na Maçonaria,* aquele que foi o instrumento ideal para o plano da conjuração antirreligiosa e convocar um concílio, Luciani, inclinado ao modernismo, Wojtyla, embebido de falsa filosofia e teologia, assim como Ratzinger, cujos pensamentos e escritos modernistas são conhecidos, o que, sem abjuramento de sua parte, o torna a ele e aos outros personagens, novamente *ipso facto* fora da Igreja antes de sua eleição ao conclave.
>
> *Diante desses fatos, uma dificuldade persiste, cuja causa é condenável: o laxo do nosso mundo atual, do qual a maioria tradicional não está isenta, pois nunca denuncia o perjúrio desses homens que, no entanto, todos diziam professar a fé católica e prestaram o juramento antimodernista.*

Dom Williamson, ao não levar em conta esses juízos preciosos que nos são dados, por um lado, por São Tomás de Aquino e, por outro, pelo magistério da Igreja, juízos que se aplicam sem reservas a esses homens, particularmente ao padre Ratzinger, vemos quão insípido é o discurso do bispo, que não é mais do que um cenário de teatro sobre o qual se inscreve em trompe-l'œil sua prosa sobre "os romanos", designando-os, sem dúvida, de "tubarões, lobos", ou ainda falando de Bento XVI como "de espírito doente", mas nunca trazendo argumentos e conclusões doutrinalmente e canonicamente católicas.

Que nos seja, portanto, ainda é permitido observar que quando redigimos em dezembro de 2005 este comentário sobre *Ninguém deve ignorar o magistério* **de São Tomás de**

Aquino, colocamos, em conclusão, esta interrogação: «Quais são aqueles que falam de bispos hereges ou de um padre herege no que diz respeito a Ratzinger?» Desde então, temos a entrevista de Dom Williamson na qual ele fala de Ratzinger como um herege; mas a atitude de Dom Williamson, que não conclui de forma alguma sobre as atitudes a serem tomadas em face do herege e, caindo mesmo sob o peso do anátema do Vaticano I, é ainda mais perigosa. Esta, de fato, ignorando a única argumentação católica que pode ser aplicada a esses personagens que se colocaram *ipso facto* fora da Igreja antes de sua eleição ao conclave, continua a arrastar clérigos e fiéis para a comunhão com o herege, e isso, até o Cânon do Santo Sacrifício da Missa, a respeito do qual está claramente estipulado que nenhuma menção do herege pode ser feita! [16]

Tendo isso em mente, aqui está a resposta de Dom Williamson, onde o bispo demonstra que Ratzinger é herege **enquanto apresenta uma opinião totalmente falsa e condenada "*de fide*" pelo Vaticano I** (voltaremos mais tarde à sua resposta sobre a passagem do padre Ratzinger pela Mesquita Azul para tratar **da *Communicatio in sacris* e da apostasia).**

R. : Você qualificaria Bento XVI como modernista?

Dom R. W. : Se um modernista é alguém que quer adaptar a Igreja Católica ao mundo moderno, certamente Bento XVI é um modernista. Ele ainda acredita que a Igreja deve se reapossar dos valores da Revolução Francesa. Talvez ele admire menos o mundo moderno do que Paulo VI, mas ainda o admira muito. Seus escritos passados estão cheios de erros modernistas. Ora, o modernismo é a síntese de todas as heresias (Pascendi, São Pio X). Portanto, como herege, Ratzinger supera de longe os erros protestantes de Lutero, como disse muito bem Dom Tissier de Mallerais. Apenas um hegeliano como ele está persuadido de que seus erros são a verdadeira continuação da doutrina católica, enquanto Lutero sabia – e dizia – que rompía com a doutrina católica.

A análise que acabamos de estabelecer sobre as palavras de Dom Williamson nos permite agora reunir os "pecados por omissão" do bispo:

- **ele enterrou a questão angustiante para os tradicionalistas da confusão entre o Sacerdócio católico válido e os falsos sacerdotes supostamente ordenados pelos falsos bispos conciliares;**

- não mencionou de forma alguma o problema levantado pelo magistério do Vaticano II, deixando a impressão de que a Igreja possui apenas um único modo de ensino infalível;

- não colocou as verdadeiras **questões sobre a legitimidade das autoridades da Igreja conciliar, desviando-se do assunto ao falar da heresia material ou formal de um papa, quando um verdadeiro Sumo Pontífice herético só é possível em casos de escola e isso nunca existiu e não existirá na história da Igreja;**

- e, uma vez mais, ignorou os verdadeiros argumentos que lembramos, a saber, a Bula de Paulo IV, o julgamento de São Tomás de Aquino intitulado *Ninguém pode ignorar o magistério*, e o anátema do Vaticano I, **continuando, sem nunca concluir em sua análise** sobre o modernista

e herege padre Ratzinger, **a arrastar e manter clérigos e fiéis em** comunhão com o herege, usurpador da Sé de São Pedro.

Portanto, somos obrigados a concluir, neste primeiro constato, que Dom Williamson se afasta tanto de longe como de perto de um discurso realmente católico, e a continuação de nossa análise nos provará que ainda não chegamos ao fim de nossos sofrimentos em todas as suas aproximações, incoerências e sofismas.

Após este primeiro resumo, vejamos como, em suas respostas, o bispo comete graves erros de julgamento sobre a Igreja, Corpo místico de Cristo.

---

[12] Baixável no site http:// www.virgo-maria.org/ - 5 de fevereiro de 2006

[13] ***embora já tendo respondido ao argumento avançado por alguns sobre a suposta ab-rogação deste Bula pontifícia de Paulo IV, queremos aqui sinalizar o que dizia sobre este assunto o padre Mouraux, em um de seus excelentes Boletins Bonum certamen.***

[14] Juramento que o padre Ratzinger teve que pronunciar para sua ordenação sacerdotal. Aproveitemos para perguntar aos bispos e aos padres da FSSPX se eles renovam regularmente e oficialmente este juramento que é muito preciso e compromissado.

[15] João XXIII fez, ele, este juramento, ao aceitar o « pontificado », como o fizeram todos os seus predecessores:

"Eu prometo não diminuir nem mudar nada do que me foi transmitido por meus veneráveis predecessores. Como seu fiel discípulo e sucessor, comprometo-me a não admitir nenhuma novidade, mas, pelo contrário, a venerar com fervor e a conservar com todas as minhas forças o depósito que me foi confiado. Em consequência, seja conosco ou com outro, submetemos ao mais severo anátema quem quer que tenha a presunção de introduzir alguma novidade que seja oposta a esta tradição evangélica ou à integridade da Fé e da Religião Católica". A conclusão que se impõe é, portanto, bem o PERJÚRIO.

[16] "**No Canôn da Missa**, **não se reza por aqueles que estão fora da Igreja**". Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino: III, q. 79.

4 - OS GRAVES ERROS SOBRE A NOÇÃO DE IGREJA, AS PROPOSIÇÕES PROVOCATIVAS E AS OPINIÕES CONTRADITÓRIAS DE DOM WILLIAMSON

Nas últimas respostas do bispo, constatamos ainda graves erros sobre a noção de Igreja, assim como a confirmação do julgamento feito no testemunho que citamos, a saber:

> *« Ele mantém aqueles que dirige na expectativa - especialmente os seminaristas -* ***enunciando proposições provocativas, emitindo opiniões contraditórias, agindo ocasionalmente de maneira muito singular, para finalmente mensurar as reações e ver quem vai protestar****».*

Antes de tudo, **os graves erros sobre a noção de Igreja**.

É realmente consternante ver como o bispo, assim como alguns outros clérigos da maioria tradicional, canalizam essas fontes doutrinariamente envenenadas que são esses "ensaios teológicos" dos quais falamos acima. Não esquecemos, de fato, que Dom Williamson anima o polo de uma **falsa oposição, por declarações tão vãs quanto estrondosas, ao mesmo tempo em que observa atentamente**, em conjunto com a direção de Avrillé e do *Sel de La Terre*, **para que as verdadeiras questões FACTUAIS sejam enterradas**.

A esse respeito, uma resposta de Dom Williamson nos dá a oportunidade de ressaltar as opiniões doutrinárias comuns do bispo e aquelas publicadas no editorial do último número do *Sel de La Terre*.

R. : A respeito precisamente de seu episcopado, você se considera membro da Igreja ensinante e do colégio apostólico?

Dom R. W. : Eu não faço parte nem da Igreja ensinante conciliar nem do colégio apostólico conciliar. Por outro lado, da Igreja ensinante católica e do colégio apostólico católico, eu faço parte sim. Em contrapartida, os bispos diocesanos conciliares formam um bolo envenenado como um todo, mas não em todas as suas partes.

Nesta distinção estabelecida por Dom Williamson entre Igreja conciliar e Igreja católica, notamos, de fato, que para o bispo é implicitamente evidente que uma única e mesma hierarquia (que o bispo considera, obviamente, como legítima) dirige duas Igrejas e, por conseguinte, preside a duas religiões, uma verdadeira e outra falsa! E é essa posição totalmente equivocada, posição que não é de modo algum católica, que encontra explicação e justificação neste último número do *Sel de la Terre*.

Como teremos a oportunidade de voltar a esses escritos publicados sob a égide dos dominicanos de Avrillé, escritos onde se observa uma aplicação muito singular das quatro causas da filosofia escolástica à Igreja como sociedade e ser moral, é importante destacar aqui que essa argumentação cai por terra quando se apresenta frente a essa hipótese, a teologia do Corpo místico.

De fato, esses pseudo-teólogos, dos quais Dom Williamson não pode senão se reclamar, se não é ele o mandatário dessa hipótese, ousam propor a seguinte argumentação:

Uma única hierarquia para duas Igrejas, a Igreja católica e a Igreja conciliar, e, claro, duas religiões seguindo a fórmula consagrada de Dom Williamson: « a religião do Deus que se fez homem e a religião conciliar do homem que se faz Deus ».

Portanto, se seguirmos esses pseudo-teólogos, estaríamos diante de uma única e mesma entidade composta por dois corpos (Igreja católica e Igreja conciliar) com uma única cabeça, uma vez que « a cabeça da Igreja é Cristo »:

Até mesmo o simples fiel compreenderá aqui que estaríamos, então, diante de um monstro!

Com este breve, mas essencial, lembrete da teologia do Corpo místico, Nosso Senhor Jesus Cristo sendo a cabeça da Igreja, o Espírito Santo sendo a alma, eis que a santa Esposa de Cristo estaria composta por dois corpos:

- um seria animado pelo Espírito Santo,
- o outro inanimado, ousamos esperar, pois não podemos de forma alguma imaginar que os defensores dessa hipótese chegariam a dizer que o Espírito Santo apoia o erro dos homens, apoia essa falsa religião.

Uma cabeça, dois corpos, dos quais um inanimado, devemos confessar que não ousamos imaginar esse monstro, pura criação dos pseudo-teólogos da maioria tradicional!

Com tal **desvio**, é o mínimo que se pode dizer, medimos o quanto os espíritos têm naufragado e nos vem mais uma vez à mente o que já dizia Dom Gaume em uma de suas cartas na segunda metade do século XIX:

> *« Nestes momentos temerosos, uma espécie de **vertigem** parece cair sobre o mundo. As cabeças **tontam**. As palavras mudam de significado. As mentes mais firmes já não raciocinam, as outras **desraciocinam** completamente. No conflito incessante de opiniões contraditórias, as convicções vacilam. A incerteza do verdadeiro engendra a incerteza do direito. Daí, **uma multidão de julgamentos errôneos e, muitas vezes, eternamente lamentáveis** ».*

Citação à qual devemos também adicionar o que nos diz o padre Augustin Lémann sobre essa mesma subversão dos espíritos, mas sob a perspectiva da ação dos « espíritos de erro » e das « doutrinas dos demônios ».

> *« É a palavra de São Paulo, escreve o padre Augustin Lémann: "O Espírito diz agora que, nos últimos tempos, muitos se afastarão da fé, apegando-se a espíritos de erro e às doutrinas dos demônios." Essa defeição que o grande Apóstolo anunciará mais tarde para os últimos tempos da Igreja, ocorrerá antes nos últimos tempos da Sinagoga. Os **espíritos de mentira** que não cessaram, desde nossos primeiros pais, de seduzir e desviar as inteligências humanas, vão mais particularmente circundar as inteligências judaicas. Haverá, portanto, uma doutrina messiânica dos demônios assim como houve até então uma doutrina messiânica dos profetas; e o pobre povo judeu, seduzido, desviado por ela, se afastará do caminho da verdade, sendo precipitado nos abismos da mentira ».*

Não é, portanto, surpreendente que nos tempos que vivemos, enquanto os clérigos são especialmente supostos conhecer essas lições do Antigo Testamento, e por conseguinte, supostos estarem alertados para avisar a sua vez os fiéis, assistamos a esse **envolvimento nas trevas do erro.**

No que diz respeito a toda a tradição, o erro não podendo mais recair sobre o retrato do Messias, é agora sobre a Igreja, sobre seu magistério e sua infalibilidade, que o inimigo de Cristo e de sua Igreja vai concentrar seus esforços, espalhando seu **espírito de mentira**.

Com as enormidades que acabamos de destacar anteriormente, já podemos ter uma ideia da **gravidade da situação**, uma vez que observamos, nos últimos anos, as autoridades da maioria tradicional afirmando publicamente o que certamente não poderia ser imaginado por nossos autores antiliberais do século XIX e, principalmente, pelos verdadeiros teólogos no Vaticano I:

tornar a própria Igreja responsável pela apostasia!

> « *A Igreja católica não age mais como um farol da verdade que ilumina os corações e dissipa o erro, mas mergulha a humanidade na névoa do indiferentismo religioso, e logo nas trevas da apostasia silenciosa* » (p. 33 da *Carta aos nossos irmãos sacerdotes*, janeiro de 2004. FSSPX).

Se analisarmos finalmente as últimas declarações de Dom Williamson sob o ângulo de proposições provocativas e de suas opiniões contraditórias, vemos de fato que, em uma única e mesma resposta, ao recusar denunciar o processo maquiavélico dos « pré-requisitos », mas, ao contrário, aceitando em princípio a abertura de discussões doutrinárias com o Vaticano para a FSSPX, o bispo, em uma manifestação de falsa firmeza, colocará uma frase provocativa e totalmente contraditória, confirmando o pouco crédito que se pode dar ao antigo anglicano (variante metodista) que se tornou bispo.

Para sublinhar bem essa incoerência, sinalizamos esta frase contraditória em destaque.

R. : Após a obtenção dos dois pré-requisitos, a FSSPX deseja a abertura de discussões doutrinárias com o Vaticano. Sobre o que elas irão tratar?

Dom R. W. : Elas tratarão da ruptura entre a doutrina católica e a de Vaticano II. Elas teriam sucesso se trouxessem os romanos de volta à Fé de sempre. Elas "teriam sucesso", aos olhos dos conciliares, se a FSSPX abandonasse essa Fé. Mas mesmo falar de um acordo distorce o problema, se se sonha com isso como uma forma de pôr fim à guerra mortal entre a religião do Deus que se fez homem e a religião conciliar do homem que se faz Deus. ***Pois essa religião conciliar só cederia lugar a um sucessor igualmente falso, suscitado pelo mesmo diabo.***

Que vem fazer, de fato, essa frase reproduzindo o pensamento **de Paulo IV** a respeito da Bula *Cum ex apostolatus*, « Para lhe dizer a verdade, quisemos nos opor aos perigos que ameaçavam o último conclave e tomar, em vida, precauções para que o diabo não assente, no futuro, um de seus na cadeira de São Pedro », uma vez que, no contexto que conhecemos, Dom Williamson tem continuamente ignorado o argumento canônico apresentado na Bula de Paulo IV? Tudo isso significaria que o Vigário de Jesus Cristo poderia ser, ao mesmo tempo, o chefe da sinagoga de Satanás!

Essa frase, destinada uma vez mais a impressionar, é, portanto, uma incoerência adicional, e esta apenas confirma o julgamento que podemos fazer sobre os métodos do bispo e a concepção que ele tem da religião e da Igreja.